

**Savitri** (*Sâns.*) – Produtor, progenitor, gerador, pai. O Sol. Um dos *Âdityas*.

**Sâvitri** (*Sâns.*) – Raio solar ou feixe destes raios; célebre hino de Vizvâmitra em honra do Sol. Sobrenome de Umâ ou Pârvaî, esposa de Shiva; nome próprio da mulher de Satyavat; o cordão sagrado.

**Sâvitrisûtra** (*Sâns.*) – O cordão sagrado.

**Savya** (*Sâns.*) – Esquerdo; contrário, adverso.

**Savyasâchin** (*Sâns.*) – “Hâbil com a mão esquerda”, ambidestro. Epíteto de Arjuna. (*Bhagavad-Gîtâ*, XI, 33)

**Sâyana** ou **Sâyânâcharya** (*Sâns.*) – Célebre comentador do *Rig-Veda*.

**Scaiolæ** (*Lat.*) – Poderes espirituais, qualidades, virtudes que dependem da qualidade e quantidade dos elementos que os produzem. Tais poderes são o pensamento, o amor, o ódio, a imaginação, a esperança, o temor etc. (*F. Hartmann*)

**Scheo** (*Eg.*) – O deus que, juntamente com Tefnant e Seb, habita o *Aanru*, a região chamada “do renascimento dos deuses”.

**Schesu-Hor** (**Schesoo-Hor**) (*Eg.*) – Literalmente: “os servidores de Hórus”; o povo primitivo que se estabeleceu no Egito e era ário.

**Schetan** (*Zend.*) – Sobrenome de Ahriman. (*Zend-Avesta*)

**Schevá** ou **Sheva** (*Hebr.*) – São os dois pontos verticais (:), que são colocados sob uma consoante para denotar a ausência de vogal (*schevá* simples). Algumas vezes não é pronunciado, como no fim de uma sílaba (*schevá* quiescente) e outras vezes tem o som de um brevíssimo, como no início de uma sílaba. Em certos casos é acompanhado de uma vogal breve (*schevá* composto).

**Schmieder** – Distinto professor de filosofia de Halle, que numa obra intitulada *História da Alquimia*, publicada em 1832, recolheu com o maior cuidado todos os feitos de transmutação de metais e não vacila em declarar que, a menos que se recuse em todos os casos a autoridade do testemunho humano, é preciso reconhecer que foi encontrado o segredo da fabricação do ouro. (Luis Figuier: *L'Alchimie et les Alchimistes*, 3ª ed., p. 91.)

**Seb** (*Eg.*) – O Saturno egípcio, pai de Osfris e Ísis. Esotericamente, o único antes da criação e que, por seu significado, está mais próximo de Parabrahm do que de Brahmâ. Desde a segunda dinastia já existiam inscrições a seu respeito e nos museus há estátuas de Seb representado com o *cisne* ou *ganso negro*, que colocou em sua cabeça o ovo do mundo. Nout ou Neith, a “Grande Mãe” e contudo a “Virgem Imaculada”, é a esposa de Seb; ela é a deusa mais antiga registrada na história e é encontrada em monumentos da primeira dinastia, à qual Mariette Bey datou em aproximadamente 7000 a.C. (Nos textos, Seb é chamado de “pai dos deuses”; estes nasceram de Nout (o céu) e Seb (a Terra). Muitas vezes Seb é representado lançado ao solo, com os membros cobertos de folhagens, enquanto o corpo de Nout se encurva, formando uma abóbada acima dele. (Pierret, *Dict. d'Arch. Égypt.*)

**Sebek** (*Eg.*) – Deus solar egípcio, representado com cabeça de crocodilo, que tem por arremate o disco do Sol e os chifres de carneiro.

**Secha** ou **Sesha** (*Sâns.*) – *Ananta*, a grande Serpente da Eternidade, o leito de Vishnu, símbolo do Templo Infinito no Espaço. Segundo as crenças exotéricas, Secha é representado como uma serpente de mil cabeças e de sete cabeças, sendo a primeira o rei do mundo inferior, chamado *Pâtâla*, e a última, o veículo ou suporte de Vishnu no

Oceano do Espaço. [A Secha, que é também Ananta, o infinito e o “Ciclo da Eternidade” no esoterismo, atribui-se ter comunicado seus conhecimentos astronômicos a Garga, o astrônomo mais antigo da Índia, que obteve seu favor e aprendeu em seguida tudo o que se refere aos planetas e a maneira de ler os presságios. (*Doutrina Secreta*, II, 52.) Ver *Ananta*, *Ananta-Secha*, *Charaka*, *Nârada*, *Vâsuki*, *Pesh-Hun*.]

**Sedecla** (*Hebr.*) – O *obeah* feminino [feiticeira ou pitonisa] de Endor.

**Sedj** (*Zend.*) – *Dew* ou gênio autor dos males. (*Zend-Avesta*)

**Sefekh** – Ver *Sevekh*.

**Segunda Morte** – Para compreender de modo devido esta importantíssima e pavorosa questão, sobre a qual foram emitidas tantas opiniões, é preciso primeiro alguns pontos capitais. É sabido que o *Manas* é dual: sua porção superior eleva-se ao *Buddhi*, enquanto que a inferior gravita para baixo, em direção aos princípios inferiores e mais materiais. Estas duas porções encontram-se unidas pelo *Antahkarana*, linha imaginária ou ponto de comunicação entre o *Manas* inferior e o superior, ou seja, entre o *Ego* humano e o *Ego* divino, que são dois durante a vida humana, mas convertem-se num só *Ego* no *Devachan* ou *Nirvâna*. Através desta ponte, transmitem-se ao *Ego* superior as emanções mais nobres e espirituais da alma humana pessoal, as únicas que sobrevivem, e apenas enxertando-se ali solidamente o *Ego* pessoal na Mônada (verdadeira “Árvore da Vida Eterna”) e fundindo-se a natureza moral com o *Ego* divino, é que o *Ego* pessoal adquire a imortalidade. Do contrário, a Alma kâmica humana, a Alma pessoal de um ser humano envelhecido e perverso, que nunca teve outros pensamentos senão os relacionados com o eu animal, não tendo, com a morte do corpo, nada a transmitir para o *Ego* superior nem coisa alguma a acrescentar à soma das experiências colhidas em encarnações passadas, esta Alma pessoal, encontrando estragada a ponte que une o *Manas* inferior com o superior, fica separada do *Ego* e condenada a sobreviver como entidade isolada, como *kâma-rûpa*, “casca-vazia” ou criatura “sem alma”, e esta separação é para sempre, a menos que, mediante um supremo e definitivo esforço, o homem consiga estabelecer novamente a ponte de comunicação entre o *Ego* inferior e o superior. (*Doutrina Secreta*, III, 523.) – A expressão “segunda morte” aplica-se a várias mortes pelas quais devem passar os “Princípios” durante sua encarnação. Assim temos: 1ª) a morte do corpo físico; 2ª) a morte da alma animal (ou *Manas* inferior) no *Kâma-loka*; 3ª) a morte do *Linga-shûrâ* astral, que segue aquela do corpo e consiste na desintegração e desaparecimento completo de suas partículas astrais e 4ª) a morte metafísica do *Ego* superior, o imortal, completa vez que “cai na matéria” ou se encarna em nova personalidade. Porém, esotericamente, a “segunda morte” é a morte da Alma, isto é, sua separação do *Ego* superior na Terra, durante a vida de uma pessoa. Isso é uma verdadeira morte (embora com possibilidades de ressurreição), que não deixa marcas numa pessoa, deixando-a porém, moralmente, como um *cadáver vivo*. (*Ibid.*, 516.) Toda pessoa irrevogavelmente materialista é, um *Homem morto*, um *autômato vivo*, por maior que seja sua potência cerebral. (*Ibid.*, 513.) – Nos casos de “segunda morte” o *Manas* inferior, entronizado no *Kâma-rûpa*, vai se aniquilando gradualmente, porém esta aniquilação não significa simplesmente descontinuidade da vida humana na Terra, porque a Terra é o *Avîchi* e o pior *Avîchi* possível. Expelido para sempre da consciência da Individualidade, o *Ego* que se reencarna, os átomos físicos e as vibrações psíquicas da então separada personalidade, reencarnam-se imediatamente na própria Terra em uma *criatura inferior* e ainda *mais abjeta*, em um ser que de humano só tem a forma, condenado a tormentos kârmicos durante toda a sua nova vida, sofrendo uma série de reencarnações imediatas cada vez piores no plano animal, se persistir em sua carreira de crime e perversidade. (*Ibid.*, 523.) Alguns destes seres degradados, aqueles que já nasceram “sem alma”, chegam a converter-se em *poderosos vampiros*, ainda que invisíveis. (*Ibid.*, 527.) Ver *Reencarnação*.